

A MALOCA MARÚBO: ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO *

Delvair Montagner Melatti

Julio Cezar Melatti

(Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília)

A ESTRUTURA DA EDIFICAÇÃO

Maloca, cupixau ou cocameira são os nomes que os habitantes dos municípios amazonenses de Benjamim Constant e Atalaia do Norte dão às grandes construções alongadas, cobertas de palha da cumeeira ao chão, em que vivem os membros das tribos indígenas da bacia do Javari. Os Marúbo, que falam uma língua da família Pâno e constituem uma dessas tribos, chamam a essas construções de *shovo*¹.

Cada maloca ou *shovo* dos Marúbo abriga um grupo doméstico. Em certos casos, a maloca está tão longe de outras que o grupo doméstico vem a ser também um grupo local. Em outros, a maloca tem uma ou mais vizinhas, com intenso contato diário entre seus moradores, todas constituindo, provavelmente, um único grupo local.

(*) — Comunicação apresentada na mesa redonda — “Significação da Cultura Material e das Expressões Artísticas”, sob a coordenação geral de Maria Heloisa Fénelon Costa e a presidência do saudoso Aloisio Magalhães, incluída na programação da XII Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Rio de Janeiro, em julho de 1980. O texto que ora se publica sofreu poucas modificações. Agradecemos ao desenhista Magno Ernesto Cavalcante, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, pelo traçado das plantas e da perspectiva de maloca que acompanham o texto.

A pesquisa sobre os Marúbo tem recebido o apoio do CNPq, FUNAI, MINTER e UnB.

As malocas variam em suas dimensões: aquelas medidas por nós tinham desde 9 até 31 metros de comprimento e de 7 até 17 metros de largura². O número de seus moradores também é variável; há malocas com menos de 10 e outras com mais de 40, mas a maioria delas tem um número que fica entre 20 e 30. Convém notar que alguns grupos domésticos Marúbo não vivem em malocas, mas em casas sobre pilotis, chamadas de “jiraus” no português regional e de *tapo* na língua Marúbo.

A maloca se constrói geralmente no alto de uma colina. A alguns metros da maloca, em torno do cimo da colina, se levantam jiraus (*tapo*), isto é, casas sobre pilotis, que não servem de morada, mas apenas como depósitos e oficinas. Entre a maloca e esses jiraus, o terreno é capinado. Os jiraus ficam justamente sobre a linha em que o topo quase horizontal da colina acentua seu declive. Além dos jiraus, ficam a roça (ou as roças) mais antiga, plantadas logo após a construção da maloca (as roças mais recentes ficam mais longe). Após a roça, a floresta. A posição da maloca, por conseguinte, é centro de uma série de círculos irregulares: pátio externo, jiraus, roça, limites da floresta.

Embora seu tamanho seja variável, as malocas são construídas segundo um modelo bastante rígido. A planta baixa da maloca é um polígono de dez lados, sendo dois deles bem mais longos que os demais. As duas únicas portas se abrem em ângulos opostos da figura, nas extremidades do comprimento da maloca. As peças de madeira que constituem a estrutura da construção se classificam segundo diferentes nomes. Assim, quase todos os pilares da maloca se chamam *natĩ*. Os pilares que se dispõem junto aos lados mais longos da maloca se chamam *txivi tava natĩ*. São geralmente quatro de cada lado; as malocas muito grandes têm cinco; as muito pequenas, três. A cada fila de *txibi tava natĩ* corresponde uma fila mais interior e paralela de pilares muito mais altos chamados de *kaya natĩ*. Os pilares colocados junto aos ângulos consecutivos àqueles que correspondem à posição das portas são chamados de *repã natĩ*. Somente os pilares das portas não se denominam *natĩ*, mas sim *koiti*. As terças, amarradas sobre encaixes feitos nos topos dos pilares, recebem o nome de *piské*; aquelas que correspondem aos lados menores da maloca são mais especificamente chamadas de *repã piské*. Os caibros têm o nome de *kãno*. Aqueles que formam as águas-mestras se chamam *kaya kãnó*. A cumeeira (*makẽ*), que numa maloca de tamanho médio fica mais ou menos a oito metros do chão, se apóia no cruzamento das extremidades superiores desses caibros; são os caibros que sustentam a cumeeira e não o contrário. Os caibros que fazem as águas dos lados menores da maloca são chamados de *repã kãnó* e *kãnó txipá*. Os caibros que descem na direção das portas têm nomes especiais: os dois sobre os quais se assenta cada dintel (*vosekti*, que é também o nome da soleira) se chamam *vosekti anõ nechá*; os três que passam sobre cada dintel são

os *areshó*. Os *areshó* que se apoiam no centro de cada dintel são como a continuação, inclinada, da cumeeira. O curioso nessa disposição é o fato do dintel não se assentar diretamente sobre os pilares que fazem as ombreiras (*koiti*). Paus finos fincados no chão, no sentido vertical, tocam suas extremidades superiores nas inferiores dos caibros, formando a estrutura das paredes da maloca, que têm cerca de um metro de altura; esses paus são chamados *poskĩ*. Desse modo a maloca não tem beiral, uma vez que as pontas dos caibros ficam no seu interior. Os caibros são amarrados às terças com cipó, num laço chamado *naĩ mãtsiska*, isto é, “unha de preguiça”, pois se parece com as duas unhas desse animal. Junto às portas as amarrações dos caibros que suportam os dintéis ou neles se apoiam se fazem em desenhos losangulares (*txitxã shamaká*). Toda essa estrutura é coberta com alguns milhares de folhas de jarina. Em ambas as portas, desde o dintel até as pontas inferiores dos caibros que passam sobre ele, há uma parte flexível da cobertura, chamada *yotá shetá*, que é levantada toda vez que se necessita de mais luz dentro da maloca (a luz solar entra apenas pelas portas). À noite, as portas podem ser fechadas com duas folhas de palmeira trançadas uma com a outra. Os dois paus fincados no chão que impedem esse tapume de cair se chamam *tanõti mastáte*.

No interior da maloca, o quadrilátero central, limitado pelos pilares mais altos (*kaya natĩ*) recebe o nome de *kaya naki*. Ao longo dos lados maiores desse grande quadrilátero há quadriláteros menores, laterais, limitados, cada um, por dois pilares altos (*kaya natĩ*), dois pilares baixos (*txivi tava natĩ*) e a parede da maloca; esses quadriláteros se chamam *kaya chanẽ*. Os recantos formados pelos lados menores da maloca recebem o nome de *repã*. Quem entra por uma das portas, passa entre dois bancos compridos, paralelos, cada um feito com duas seções longitudinais de um tronco. Esses bancos se chamam *kenã*. O espaço de chão entre os dois é o *kenãsheshá*. Atrás de um desses bancos, amarrado com cipós a dois paus fincados no solo e ligados a um dos caibros da cobertura, fica um trocano (*ako*). Há malocas que dispõem de dois trocanos, um atrás de cada banco. O pátio externo, ao redor da maloca, apresenta quatro partes: aquelas que se estendem diante das portas são chamados *ekote*; as que se dispõem ao longo das duas paredes mais compridas da maloca se denominam *txipã tava*.

A PROJEÇÃO ESPACIAL DO CONTATO INTERÉTNICO

Uma das coisas que mais chama a atenção numa maloca é o contraste que ela estabelece com as construções que a envolvem, a começar pelo próprio estilo. A maloca é uma edificação nitidamente indígena. Foi o

herói mítico *Vimi Peya* que aprendeu a fazer maloca (*shovo*) com moradores do fundo das águas; antes disso, os Marúbo só sabiam fazer *tapiris*. O mesmo herói eninou diferentes maneiras de dispor as folhas de jarina na cobertura, produzindo desenhos distintos, cada um com um nome e quase sempre associado a uma determinada unidade matrilinear ou a uma das duas categorias (que congregam gerações alternadas) que a compõem. Por sua vez, os jiraus (*tapo*) constituem uma imitação da casa sobre pilotis do caboclo amazônico. Os pilotis não são um recurso para escapar a alagamentos, pois os Marúbo vivem em área de “terra firme” e além disso os jiraus ficam junto ao cimo da colina. Mas, sem dúvida, o chão assoalhado dessas edificações pelo menos serve para corrigir o declive do terreno. Geralmente os pilotis verticais que suportam a cobertura não apoiam o assoalho, que se assenta sobre pilotis inclinados, escorados nos primeiros. Tanto o assoalho como as paredes são de casca de tronco de paxiúba. O assoalho quase sempre avança algumas dezenas de centímetros para fora, além das paredes. Não raro esses edifícios retangulares, de cobertura de palha, de duas ou quatro águas, têm uma ou mais divisões internas e janelas. Todos têm porta, sempre fechada a cadeado. Alcança-se a porta subindo-se por um pau inclinado com entalhes que fazem as vezes de degraus. A língua Marúbo dispõe de nomes para as partes do jirau, alguns dos quais são os mesmos das partes correspondentes da maloca, como *kãno* (caibro) ou *natĩ* (piloti que suporta a cobertura). *Tapo* é o nome do assoalho e da edificação inteira.

Maloca e jiraus não se distinguem apenas pela aparência, mas também pelo uso. A maloca é o lugar onde se cozinha, onde se fazem as refeições, onde se dorme, onde se recebem as visitas, onde se realizam as sessões xamanísticas e se entoam os cânticos de curar, onde se guarda o milho, onde as mulheres confeccionam redes, faixas tecidas e, sobretudo, contas de caramujo. Os jiraus, por sua vez, são antes de tudo depósitos. Aí se guardam armas de fogo, munição, tecidos, roupas, cartilhas, panelas de alumínio, ferramentas, sabão, sal, máquina de costura, tigelinhas para látex, pélas de borracha, cabo de aço para puxar cedro, couros de maracajá. Desde logo, podemos perceber que na maloca os Marúbo desempenham atividades tradicionais, enquanto nos jiraus armazenam artigos comprados dos brancos ou produzidos para lhes vender.

Mas a oposição entre maloca e jirau não é tão rígida. Embaixo dos jiraus, as mulheres guardam um grande número de potes de vários tamanhos para cozinhar ou guardar água, confeccionados segundo sua tradicional técnica ceramista³. Nos jiraus podem se abrigar visitas, quando os lugares tradicionais para isso, os recantos da maloca denominados *repã*, não são suficientes; neles também prefere dormir um ou outro rapaz, bem como neles os casais vez por outra procuram momentos de privacidade.

Para além dos jiraus fica a roça, área ligada às atividades tradicionais, uma vez que o cultivo Marúbo se destina antes de tudo a própria subsistência. Mais para longe ficam as áreas de caça, atividade que se destina também à subsistência, mas que pode produzir couros para venda. Também aí ficam as “colocações”, com suas “estradas” de seringa e para rolar cedro, atividades obviamente relacionadas ao comércio com os brancos.

Em suma, a oposição entre atividades tradicionais e o intercâmbio interétnico se projetaria no terreno segundo faixas alternadas: maloca e roça estariam associadas às primeiras, enquanto jiraus, “colocações”, “estradas”, ao último.

HOMEM E MULHER

Cada família elementar tem suas redes num *kaya chanē* e dispõe seus potes de água bem como seu fogo de cozinha junto ao mesmo, perto de um dos grandes pilares (*kaya natī*), na margem do *kaya naqui*. Por isso, quem olha a maloca de fora nota que a palha da cobertura é mais escura a partir de certa linha para cima, por causa da fumaça que se filtra pelas folhas de jarina. As redes, na maioria de tucum, mas também de origem industrial, estão amarradas a vigas horizontais (*teseque pavo*), que fazem os limites entre os *kaya chanē*. No fundo de cada *kaya chané*, junto à parede da maloca, ficam algumas panelas e pratos de cerâmica, plástico ou alumínio utilizados diariamente; os objetos menores ficam sobre uma pequena prateleira. Entre as palhas da cobertura se colocam talheres, fuso, algodão desfiado, ossos de animais, pentes, aspirador individual de rapé e o vidro que o contém e outros pequenos objetos de uso pessoal. Duas vezes ao dia o *kaya chanē* é varrido e o lixo, carregado para fora dentro de uma esteira, é atirado além do pátio externo, próximo da roça. No caso de famílias políginas, as esposas, cada qual ocupa com seus filhos um *kaya chanē* distinto e, geralmente, ainda que sejam irmãs (reais ou classificatórias), o que é mais freqüente, não contíguo ao da co-esposa. Devido às atividades culinárias, a mulher permanece mais tempo junto ao *kaya chanē* do que o homem, o qual só o procura para dormir, descansar ou, quando afastado de seus companheiros, para comer com sua esposa e filhos. No caso de homem com mais de uma esposa, ora está no compartimento de uma, ora no da outra, embora todos os seus filhos pequenos, de qualquer de suas esposas, o acompanhem, seja para comer, seja no final da tarde, para ouvi-lo cantar sentado na rede. É, pois, a mulher a pessoa que está mais fixada a determinado *kaya chanē*.

As refeições, os homens as tomam sentados nos dois compridos bancos (*kenā*) paralelos junto a uma das portas. Cada homem vai buscar

recipientes com alimentos preparados junto a sua esposa e os dispõe no chão, no espaço entre os dois bancos. Ali, homens e meninos maiores se servem de todos recipientes, indistintamente. Quando um dos recipientes se esvazia, aquele que o trouxe leva-o para enchê-lo novamente. Finda a refeição, cada um recolhe os recipientes que trouxe. Já as mulheres comem com seus filhos menores nos seus *kaya chanē* ou então se sentam em esteiras, fazendo um ou dois círculos, no centro do *kaya naqui*. No início da noite, os homens de cerca de vinte e cinco anos ou mais sentam-se no *kenā* para participarem de uma sessão xamanística, ou simplesmente para conversarem, tomando rapé. É ainda nesses bancos que os homens, logo após a colheita, amarram as espigas de milho em pequenos feixes com ajuda da própria palha, para depositá-los num comprido monte sobre um travessão (*sheki paiti*) amarrado a meia altura dos *kaya natĩ*, de tal modo que a fumaça dos fogos de cozinha as protejam do caruncho. Não raro, o chefe do grupo doméstico e mais um ou outro homem da casa têm suas redes nos *repã* que ficam por trás dos bancos, paralelos. Por outro lado, o comprido pilão em forma de cocho, onde as mulheres esmagam grãos ou polpa de diversos vegetais, localiza-se geralmente junto a um dos *repã* vizinhos à porta oposta.

Enfim, cremos poder afirmar que o grande quadrilátero central (*kaya naqui*) e os compartimentos (*kaya chanē*) que o ladeiam são lugares mais femininos, enquanto os bancos junto a uma das portas são mais masculinos. Do mesmo modo, os recantos (*repã*) junto a essa porta são mais masculinos, enquanto os vizinhos à porta oposta são mais femininos.

Se os compartimentos das famílias elementares, dentro da maloca, estão associados às mulheres, os jiraus que ficam em torno dela parecem ter um caráter masculino, ainda que não muito marcado. Cada jirau pertence a um homem, ainda que suas esposas possam ter objetos guardados dentro dele. Uma vez terminada a refeição matinal e retirando-se da maloca seus habitantes, sobretudo os adultos do sexo masculino, para diversas atividades, as mulheres que ficam se deslocam para junto das portas, a fim de trabalharem em tarefas artesanais, como a confecção de contas de concha de caramujo (*nobo*), fios de tucum com que fazem redes, a fiação de algodão e tecelagem de saiotas, cintos e pulseiras. A elaboração dos vasos de cerâmica começa dentro da maloca junto às portas, mas, devido à necessidade de secagem e cozimento, termina no pátio externo. Cada porta da maloca é freqüentada habitualmente pelas mesmas mulheres. Se o artesanato feminino se faz junto às portas da maloca sobretudo no período compreendido entre as duas principais refeições diárias (a matinal, por volta das 7 horas e 30 minutos, e a vespertina, após o retorno dos homens de suas atividades externas, o que pode variar das 14 às 18 horas), o artesanato masculino se realiza em local e períodos

diferentes. De fato, é mais comum se ver o homem confeccionar cestos, flechas, lanças, bastões de cavar, junto a seu jirau (*tapo*), seja na plataforma externa, junto à porta, seja no seu interior. Essas atividades são desenvolvidas mais freqüentemente enquanto espera a refeição matinal ou após a refeição da tarde.

Certas atividades, como a elaboração do rapé, pelos homens, ou o preparo do entorpecente para peixes, pelas mulheres — e, quando em grande quantidade, também pelos homens — se fazem quase sempre para além da linha dos jiraus, em *tapiris* que não raro ficam no caminho que leva ao local de banho.

Já as roças sedistinguem por uma presença mais constante da mulher. É certo que os homens trabalham na derrubada e semeadura de certos vegetais. Mas as mulheres é que as freqüentam quase todos os dias para colher macaxeira e bananas. Além disso, a roça é dividida em partes, cada uma atribuída a uma mulher. Geralmente as partes das filhas ficam junto da parte da mãe e são vizinhas as roças das esposas de um mesmo marido.

Nas áreas mais afastadas, “colocações” e suas “estradas”, armadilhas para gatos maracajás, são de propriedade masculina.

Em suma, com exceção da divisão interna da maloca, parece haver uma coincidência entre as faixas tradicionais e as femininas, de um lado, e as faixas ligadas ao contato interétnico e masculinas, de outro.

PÚBLICO E PRIVADO

O lugar de maior intimidade dentro da maloca é sem dúvida o dos *kaya chanē*, privativo dos membros da família elementar. Em contraste, as áreas dos bancos (*kenā*) paralelos, do grande quadrilátero central (*caya naquí*) e dos *repã* são mais abertas aos de fora. Os visitantes jovens e adultos do sexo masculino comem com os homens moradores da casa sentados nos bancos paralelos; nessas ocasiões o chefe do grupo doméstico se mantém de pé e, com ajuda de um comprido bastão, afugenta os cachorros que tentam se aproximar dos alimentos. As mulheres visitantes e seus filhos menores comem com as moradoras da maloca sentadas no grande quadrilátero central. Aí também a esposa do chefe do grupo doméstico, tal como o marido, afugenta os cães. Os moradores da casa, nessas situações, se colocam como um grupo, diante dos visitantes, representado pelas deferências especiais do chefe do grupo doméstico e sua esposa. Os *repã* são os locais de dormida para os visitantes.

Os visitantes espirituais, que se manifestam sucessivamente pela posseção do corpo do xamã, também parecem se limitar à área junto aos bancos paralelos. Ao lado da porta se pendura uma rede, onde o xamã incorpora cada espírito que chega. Um dos homens (de uns 25 anos para cima) que está sentado nos bancos oferece ao xamã — ou mais provavelmente ao espírito recém-chegado que neste se incorpora — rapé e aiauasca. As sessões xamanísticas não parecem ter uma finalidade utilitária: é mais uma comunhão com espíritos de um certo tipo — os *yové* — que cantam ou dançam para os homens ou conversam com eles, utilizando-se para isso do corpo do xamã. É certo que alguns desses espíritos curam doenças, mas talvez não sejam a maioria: caso um deles se manifeste, os doentes são trazidos aos bancos paralelos para serem tratados. Em suma, nessas sessões, que são de interesse coletivo, os moradores da maloca se apresentam como um todo, através de seus homens (aliás, comparecem à sessão, também, homens de malocas próximas), diante dos espíritos. As mulheres e as crianças ouvem a manifestação dos espíritos deitadas nas redes dos *kaya chanē*.

Entretanto, diferentemente do xamanismo, os cânticos de curar, que têm geralmente por finalidade o bem estar individual, os cantores os entoam sentados em banquinhos em torno da rede do enfermo, que repousa em seu *kaya chanē*. Alguns desses homens podem ser de malocas distantes, vindos especialmente para cuidar de casos de enfermidades mais sérios ou prolongados. Por outro lado, os cânticos sobre um mingau, destinado ao consumo de todos os moradores da maloca ou de um enfermo ausente, são cantados nos bancos paralelos.

Atrás de um dos bancos paralelos está dependurado o trocano (*ako*). Raramente é usado. Durante ritos como o da colheita do milho, é tocado por longo tempo, com frequência, por três homens, de pé sobre o *kenã*. Dois deles usam bastões grossos e o terceiro, duas varetas. Nas outras ocasiões recebe umas poucas batidas com um único bastão: quando um morador morre; quando há preparativos para perseguir um bando de porcos-queixadas. Na verdade, o trocano é um meio de comunicação com outras malocas (é ouvido de lugares que estão a quatro horas de viagem a pé); o que comunica são coisas já sabidas ou esperadas, mas acontecimentos importantes para os moradores da maloca como um todo. Ele pertence ao domínio do público.

Fora da maloca, os jiraus se caracterizam sobretudo como uma área privada, fechados à chave mas que ocasionalmente, o dono do jirau os cede como pousada a uma visita.

Os limites espaciais entre público e privado parecem estar sujeitos a variações diárias e sazonais. Já dissemos que diariamente as mulheres avançam para as portas após a saída dos homens, para realizar os trabalhos

artesanais. A maloca inteira se torna um lugar de intimidade. No decorrer do ano há períodos em que a maloca está mais vazia, pois os homens, acompanhados das mulheres ou não, se dirigem para trabalhar em suas "colocações", seja nas "estradas" de seringa ou no corte de madeira; a área pública se retrai. Já no tempo da colheita do milho, sobretudo quando se realiza o rito que a ele é associado, o grande quadrilátero interno se torna mais público, uma vez que é usado para evoluções rituais. No tempo da colheita da pupunha, quando malocas vizinhas são convidadas a participar do consumo da caçuma feita com esta fruta, as mulheres da casa e as de fora cooperam no preparo da bebida, movimentando o *kaya naqui*.

AS PORTAS

O corpo do xamã em estado de possessão, os Marúbo o comparam a uma maloca visitada e animada pelos espíritos. Estes entram no corpo do xamã pela boca, como se esta fosse a porta principal; a barriga do xamã é o grande quadrilátero do centro da maloca; seu ânus, por onde os espíritos expulsam a sujeira (moléstias) do seu organismo, corresponde à porta dos fundos da maloca (ainda que o lixo também possa ser retirado pela porta principal). As pernas do xamã são os pilares da maloca. O corpo dos outros indivíduos, não xamãs, também pode ser comparado desse modo à maloca. Essa analogia é compatível com uma distinção entre uma entrada principal da maloca, mais pública, aquela onde estão os bancos paralelos e o trocano, e uma entrada dos fundos, mais privada. Porém, certos elementos simbólicos dão a ambas as portas um tratamento simétrico. Por exemplo, a parte flexível junto ao dintel é em ambas chamada de *yotá shetá*, em que *shetá* significa "dente". Os caibros sobre os quais se assentam os dintéis, além do nome *vosecti anõ nechá*, também se chamam, salvo engano na última sílaba, *romóshe*, que é o nome que se dava aos bastonetes de concha de caramujo que outrora se usavam nas asas do nariz⁴. Também as amarrações com cipó em forma de losango se fazem tanto na parte da frente quanto na dos fundos. A porta junto à qual ficam os bancos paralelos também se distingue da outra, porque entre as palhas da cobertura que estão acima e ao lado dela, são colocados ossos e crânios de animais caçados, para mostrar aos visitantes a variedade dos animais apanhados, a fartura, a habilidade dos caçadores da maloca; embrulhos de folha ou panelas que contêm a terra do rastro, peles e excrementos de porco-queixadas, mistura sobre a qual se entoou um cântico, para atrair esses animais; talos de urtigas cultivadas (*vakíse*) ou tocandiras presas entre fendas de palitos (*vuna tachotá ya*) anteriormente usados para queimar ou picar os homens antes de partirem para a caçada do rito da colheita do milho, evitando-lhes o panema. Numa maloca vimos dependurados, em um fio que par-

tia da porta principal para um dos *repã*, 226 frascos vazios de remédio que haviam sido injetados nos índios pelos missionários durante um surto de sarampo, para mostrá-los ao principal funcionário da FUNAI na região, conforme a explicação que nos foi dada. Aí também ficam o pote com aiauasca (*oni*), os tubos de soprar rapé utilizados nas sessões xamanísticas, nos cânticos de curar ou, apenas os segundos, nas conversas noturnas. E, ainda, a espátula com secreção de uma perereca verde (*cãpo*) usada no tratamento de panema e para repelir a preguiça e o desânimo.

Os animais abatidos pelos caçadores já chegam à maloca com o ventre aberto, as entranhas limpas e lavadas; mas não raro os cestos de confecção rápida que os contém ficam algum tempo dependurados nos entalhes das ombreiras das portas, enquanto aguardam serem retalhadas e cozidas. Em outras palavras, o animal abatido faz uma parada na porta antes de ser cozido, assim como alguns de seus restos não consumidos (os ossos) param à porta antes de saírem.

O percurso dos animais abatidos na caça talvez possa ser comparado com o do próprio ser humano em seu ciclo de vida. As crianças nascem fora da maloca; mas os mortos, outrora, eram cremados dentro da maloca; seus ossos eram triturados e ingeridos misturados com mingau; segundo o missionário John Jansma, se o morto fosse uma pessoa boa, um pedaço de seu peito, que acaso não queimasse bem, era guardado em um pote, dentro da casa, o que trazia efeitos benfazejos para os moradores da maloca. Hoje, porém, os Marúbo sepultam seus mortos bem longe da maloca. O *kaya chanê* do falecido, após o enterro, é inteiramente limpo e seu chão é encoberto com nova camada de terra, cuidadosamente batida, bem como outras áreas da maloca que mais freqüentava.

A oposição entre as portas, ora simétrica, ora não, parece se refletir numa relação que supomos existir entre trocano (*ako*) e pilão (*shasho*), como sugere o seguinte trecho de um de nossos diários de campo:

“Hoje de manhã, as mulheres pilavam bananas e milho no cocho. Uma, próximo da porta dos fundos, ralava milho; a do meio pilava o milho com uma pedra em forma de quadrilátero, batendo uma e outra extremidade da pedra alternadamente; a terceira pilava banana com outra pedra. O conjunto de sons assim produzido lembrava os sons tirados do trocano (*ako*) pelos homens. Era como um *ako* sendo tocado um tanto descompassadamente. As duas pedras produziam os sons parecidos com os dois paus longos batidos por dois homens no trocano; o ralador lembrava, mais remotamente, o som das duas baquetas tocadas por um só homem. É curioso notar que o ralador é manejado rapidamente como as baquetas, enquanto as pedras mais vagarosamente como os dois longos paus”.

De fato, o trocano está sempre junto à porta principal, enquanto o pilão se encontra quase sempre nas imediações da porta dos fundos; o trocano é manejado por homens, enquanto o pilão, por mulheres; o trocano está nitidamente associado ao domínio do público, enquanto o pilão não chega a ser totalmente do domínio privado: podendo ser usado indistintamente e individualmente por qualquer mulher da casa, seu funcionamento se intensifica quando a maloca convida outras para consumir bebidas ou na realização de ritos, quando então é utilizado simultaneamente por cerca de três mulheres.

TRANSFORMAÇÕES

Sem dúvida esta descrição não esgota o que há a dizer sobre a maloca, à qual teremos necessariamente de fazer referência sempre que examinarmos qualquer dos outros aspectos da cultura Marúbo, uma vez que ela está relacionada a maioria das ações da vida cotidiana ou do cerimonial.

Um tema que certamente merece ser tratado em trabalhos futuros são as transformações da qual é um exemplo a atual forma que toma a maloca Marúbo. Não estamos nos referindo apenas à evolução da maloca através do tempo, ou estimulada pelo contato com os brancos, que evidentemente ocorre, como atestam os depósitos sobre pilotis que se dispõem em torno da edificação indígena mais tradicional e que atendem hoje tanto a novas necessidades com as outras que eram anteriormente satisfeitas pela própria casa central. Também não estamos alertando apenas para aqueles casos, presentes sobretudo junto aos postos da FUNAI, em que um número razoável de índios Marúbo abandonou a construção indígena, aderindo francamente às casas sobre pilotis, deixando, porém, à observação etnográfica o apego a alguns elementos e disposições daquela. Estamos chamando a atenção também, e sobretudo, para o fato de a maloca Marúbo ser muito semelhante, mas não igual, às de outros grupos indígenas da região, como os Mayorúna e os Matís.

De fato, as poucas informações contidas no texto e nos esquemas de recente publicação sobre os índios da bacia do rio Javari⁵, nos mostram que há elementos comuns entre as malocas Marúbo, Matís e Mayorúna: todos os três grupos as fazem alongadas, com poucas aberturas, com recintos para as famílias elementares marcados pelos pilares, com um lugar bem definido para os bancos masculinos, guardando ossos de animais junto às portas. A maloca tradicional Mayorúna se aproxima mais da forma da Marúbo, embora mais recentemente, dada a situação de contato interétnico, tenha sofrido reduções quanto ao tamanho, ao número de unidades familiares que a ocupam e, conseqüentemente, ao número de

moradores, além de um remanejamento espacial de suas subdivisões interiores. Já a maloca Matís, nos faz imaginá-la como se fosse o resultado de uma prensagem sofrida pela maloca Marúbo, de modo a aproximar sua parte dianteira da traseira e fazendo-a alongar-se no sentido de sua largura, rompendo seus lados em mais duas portas, bem como dividindo em duas cada fileira de recintos destinados a famílias elementares. Nesse exercício que lembra a topologia, o pesquisador deverá estar atento, não tanto para os limites geométricos, mas para examinar até que ponto essas “deformações” se podem realizar sem romper com a dimensão simbólico-cultural.

NOTAS

(1) — Os vocábulos Marúbo são aqui grafados conforme os critérios adotados nas cartilhas elaboradas pela Missão Novas Tribos do Brasil. Cabe esclarecer que o *e* representa a vogal central alta; o *v*, a fricativa bilabial sonora; o *s* corresponde ao *ss* do português; o *r*, sempre ao *r* brando do português; o *sh* corresponde ao nosso *ch*, mas com retroflexão. A não ser que outra seja indicada por acento, a sílaba tônica é sempre a primeira do vocábulo.

(2) — Medidas aproximadas, tomadas com passos.

(3) — Para uma descrição dessa técnica, consultar “Cerâmica Marúbo” de Delvair Montagner Melatti (*Cultura*, 25: 70-77. Brasília: MEC, 1977).

(4) — Certas saliências que as vigas fazem na face externa da cobertura de palha são chamadas de *kapé* (jacaré) *narechkika*, semelhantes a saliências da barriga do jacaré. Não sabemos se tal analogia tem algo a ver com o mito de *Vimi Peya*, que aprendeu a construir malocas com os moradores do fundo das águas, pois num dos episódios do mito, um deles é confundido com um jacaré.

(5) — Trata-se de *Javari*, volume coordenado e redigido por Julio Cezar Melatti, o 5º da coleção *Povos Indígenas do Brasil*, sob a coordenação geral de Carlos Alberto Ricardo (São Paulo: CEDI, 1981). Consultar às p. 43-44, 72-74 e 88-89.

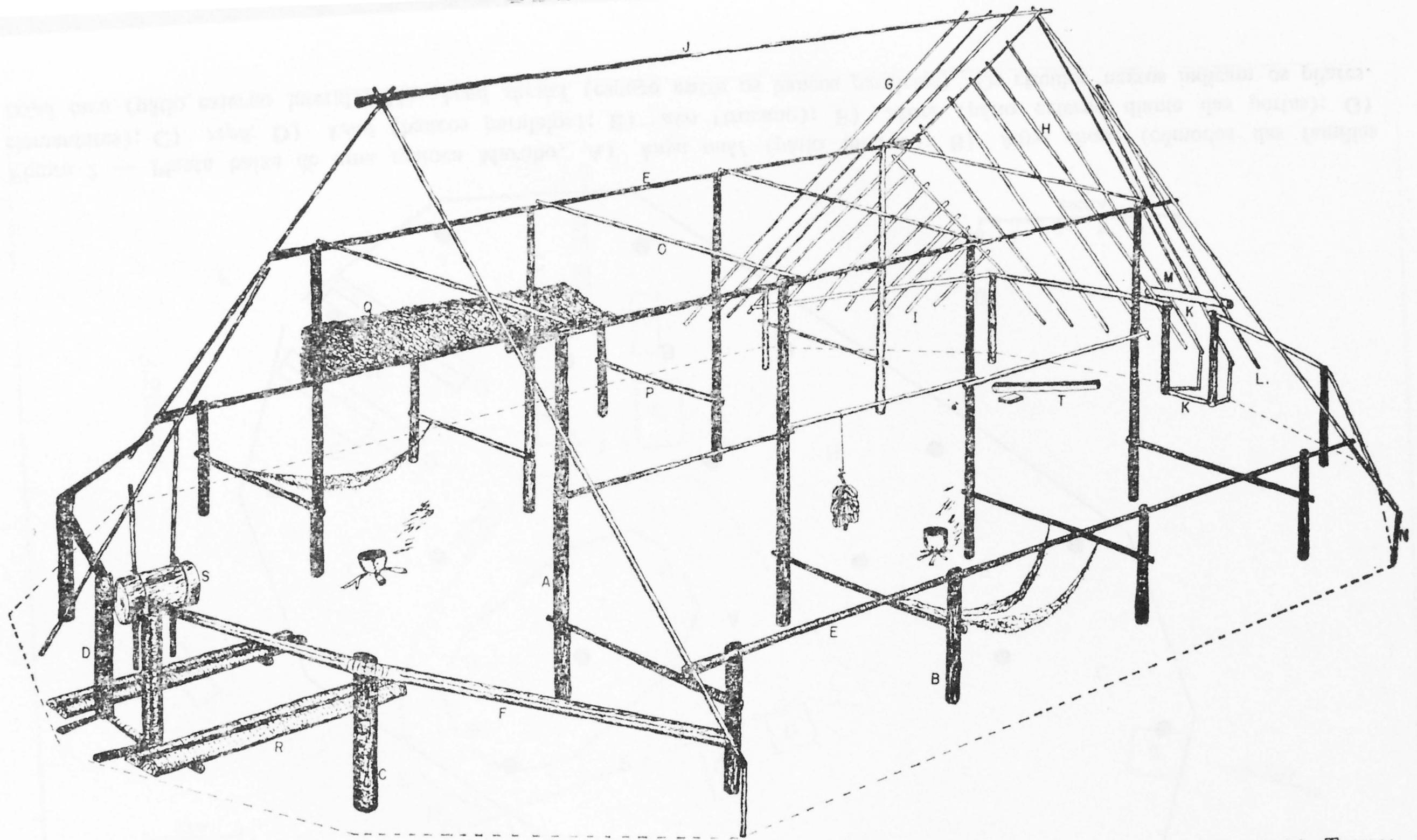


Figura 1 — Estrutura de uma maloca Marúbo. Pilares: A) *kaya nati*; B) *txivi tava nati*; C) *repã nati*; D) *koiti*. Terças: E) *piské*; F) *repã piské*. Caibros: G) *kaya kãnó*; H) *repã kãnó*; I) *kãnó txipá*. Cumeeira: J) *make*. Dintel e soleira: K) *vosekti*. Caibros que tocam o dintel: L) *vosekti anõ nechá*; M) *areshó*. Outros: N) *poski*; O) *nasekti*; P) *teseke pavo*; Q) milho estocado sobre o *sheki paiti*. Bancos paralelos: R) *kenã*. Trocano: S) *ako*. Pilão: T) *shasho*. A linha tracejada indica onde a cobertura de palha toca o chão.

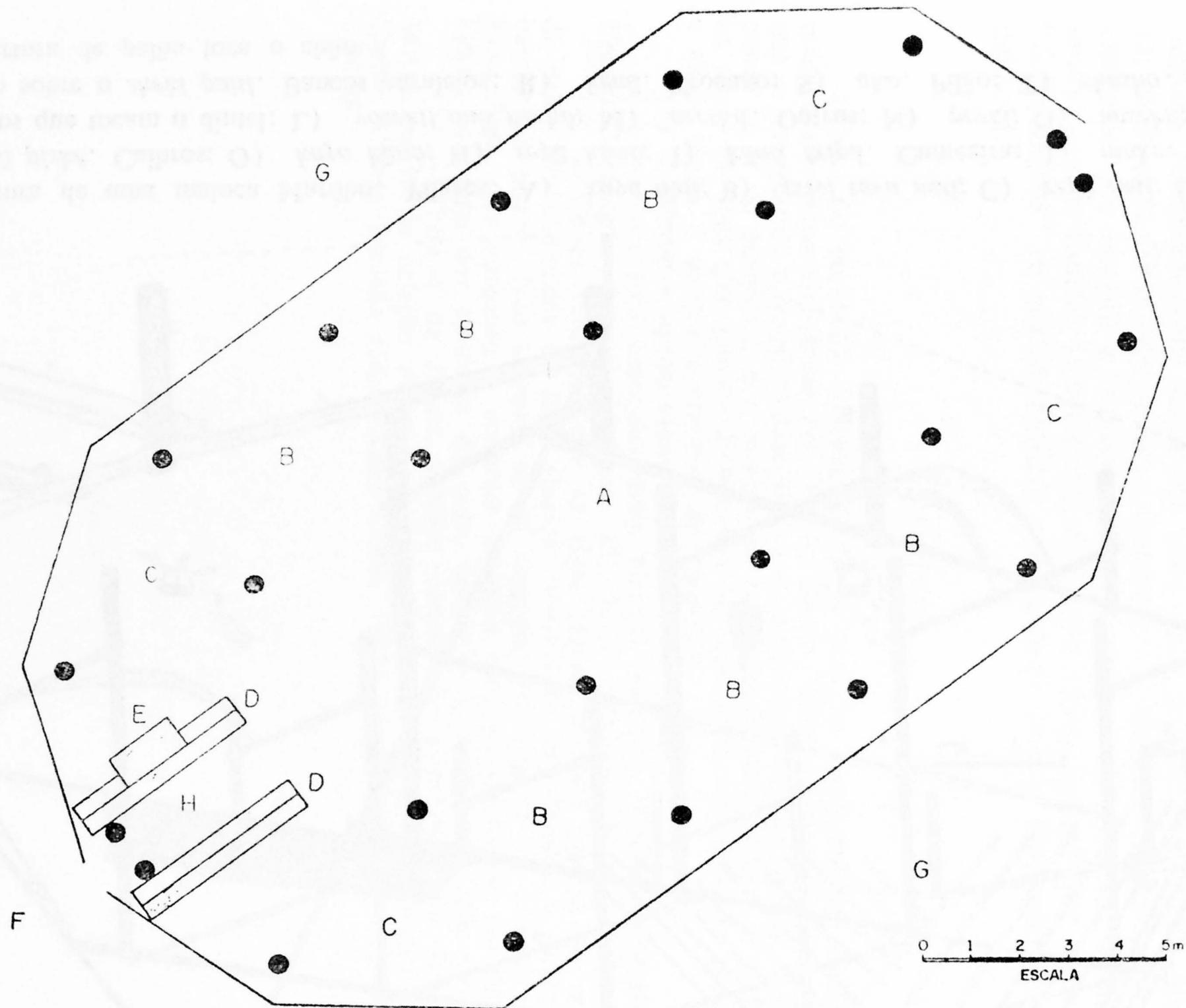


Figura 2 — Planta baixa de uma maloca Marúbo. A) *kaya naki* (pátio interno); B) *kaya chane* (cômodos das famílias elementares); C) *repã*; D) *kenã* (bancos paralelos); E) *ako* (trocano); F) *ekote* (pátio externo diante das portas); G) *txipã tava* (pátio externo lateral); H) *kenã sheshá* (espaço entre os bancos paralelos). Os círculos negros indicam os pilares.

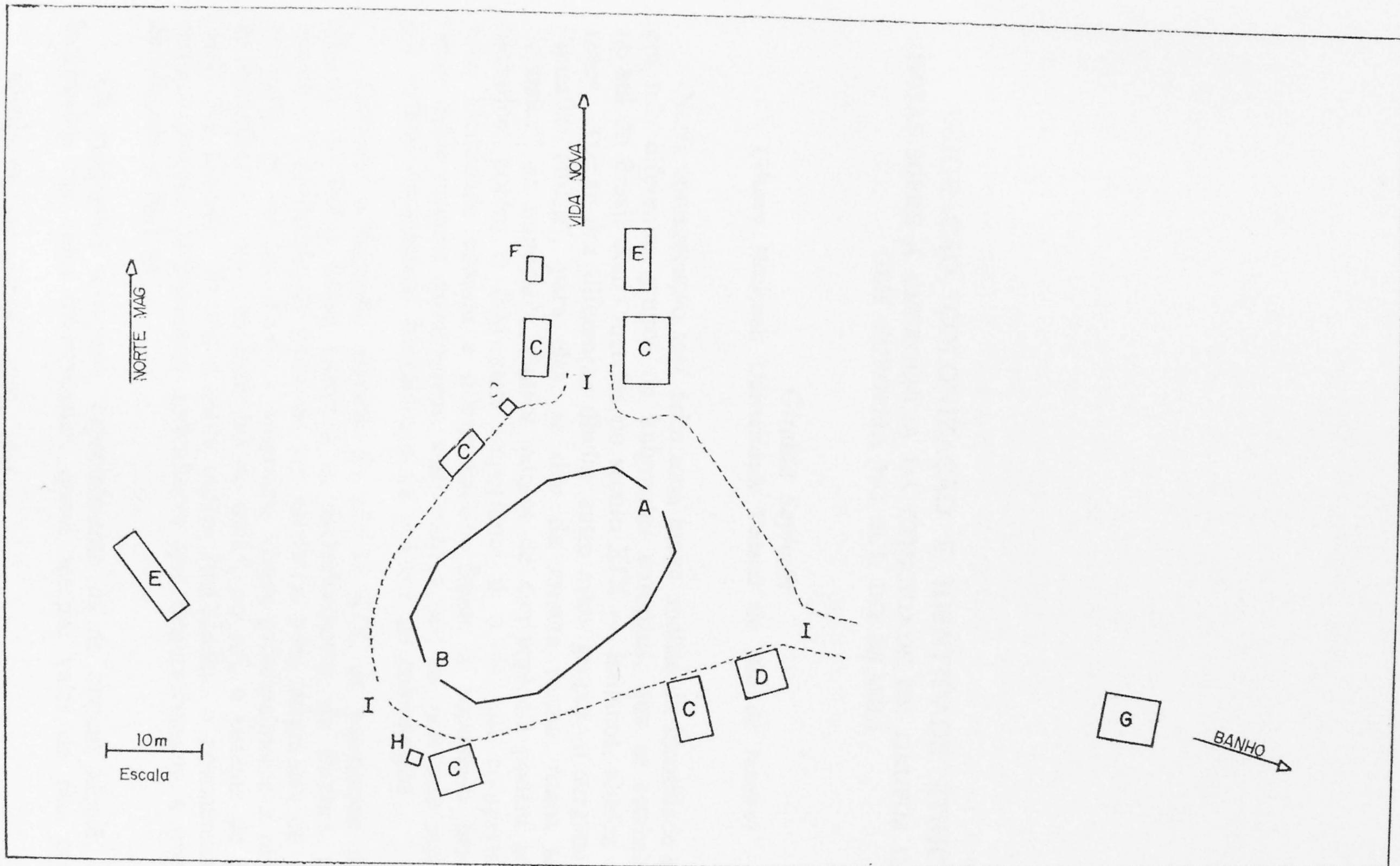


Figura 3 — A maloca de Paulo e seus anexos, próxima do posto missionário de Vida Nova, no início de 1975. A) porta principal; B) porta dos fundos; C) depósitos sobre pilotis (*tapo*); D) depósito sobre pilotis incompletos; E) tapiris; F) “curral” de jabotis; G) tapiri onde se preparava rapé; H) abrigo noturno para galinhas; I) pontos de partida de caminhos. A linha tracejada indica a borda do cume da colina.